



UNI - RIO

**MUSEU :
COISA VELHA, COISA ANTIGA**

COORDENADOR : MARIO DE SOUZA CHAGAS

Reitor da UNI-RIO

OSMAR TEIXEIRA COSTA

Vice-Reitor

PIETRO NOVELLINO

Pró-Reitor Acadêmico

WILLIAN GONÇALVES SOARES

Pró-Reitor Administrativo

LUIZ OTÁVIO LABANCA

Pró-Reitor de Assuntos

Comunitários

ROGÉRIO ROCCO

Decania do Centro de Ciências

Humanas:

CENYRA V. FERNANDES

MUSEU: COISA VELHA, COISA ANTIGA.

prof. Mario de Souza Chagas

alunos: Ana Cristina A. de Oliveira

Ana Isabel Pinto Rosa

Andréa Paula do Espírito Santo

Angela Maria P. de Freitas

Júlio César C. dos Santos

Lúcia dos Santos Ibrahim

Luis Fernandez Garcia

Maria de Fátima C. de Lima

Rosa Amélia Nunes Cardoso

Sanae Hoshikawa

Sérgio Murilo Vieira de Souza

Verônica Burger P. Cavalcante

Rio de Janeiro, novembro de 1987

"Diccionario, no eres
tumba, sepulcro, fêretro,
túmulo, mausoléu,
sino preservación
fuego escondido,
plantación de rubies,
perpetuidad viviente
de la essencia,
granero del idioma."

(Pablo Neruda - Oda al Dicionario)

I

O dicionário é mais que lápide onde os vocábulos descansam em paz, é mais que rol estático de palavras, ou inventário perpétuo de termos que guardam entre si a relação única de estarem dispostos em ordem alfabética.

O dicionário é documento dinâmico, testemunho luziluzente. Mas o que o dicionário documenta? O que testemunha?

Tal como quem apalpa o Papa, tal como quem vê, ouve, cheira ou saboreia, o dicionário testemunha os hábitos, os costumes, as tradições, as idéias dominantes e oficialmente estabelecidas. O dicionário ("plantação de rubis") documenta a vida (das palavras) vivida num tempo e num espaço, documenta a mudança e a permanência dos vocábulos e conceitos.

II

Em sua obra Ciência do Homem e Museologia o sociólogo-anthropólogo Gilberto Freyre afirma que "não são apenas as formigas ou as abelhas que nos podem dar boas lições: também os dicionários, tratados tão de resto por certos príncipes de outras formas de erudição e de infor

mação". Por esta ótica, compartilhada com o poeta Pablo Neruda, o dicionário - ironicamente chamado "pai dos burros" - mais que obra de consulta eventual é fonte de pesquisa. E, como tal, vamos utilizá-lo no presente trabalho na tentativa de compreender melhor as idéias oficialmente estabelecidas acerca de museu.

Antes porém, convém esclarecer: que o trabalho ora apresentado foi desenvolvido durante os meses de setembro e outubro de 1987, pela turma do primeiro período do Curso de Museologia da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO) na disciplina de Introdução à Teoria Museológica. Para a sua realização partimos da hipótese de que por mais que os museus (do Rio de Janeiro) apresentem um discurso oficial de "dinamismo" e "ativismo reformador", o público potencial, em sua grande maioria, continua associando museu a elementos do passado, a conteúdos sacralizados, às chamadas "belas artes". Por outro lado, as definições de museu contidas nos dicionários corroboram e refletem este tipo de associação.

Esta orientação levou-nos a trabalhar em duas vertentes básicas:

A - Uma enquete realizada através da abordagem direta de 341 indivíduos (transeuntes da cidade do Rio de Janeiro).

B - Um levantamento de 30 definições contidas em diferentes dicionários acerca da palavra museu.

Para isso adotamos a seguinte metodologia:

1º - Em relação a vertente A consideramos que o quantitativo de 341 indivíduos é uma amostra razoavelmente significativa do público potencial dos museus do Rio de Janeiro.

Estes indivíduos foram selecionados aleatoriamente entre os transeuntes da cidade. A cada indivíduo em separado foi apresentada como estímulo a palavra museu. A partir deste estímulo o indivíduo foi solicitado a responder com o vocábulo (idéia-imagem-sentimento) que lhe ocorresse de imediato.

Para coletar estas respostas utilizamos como instrumento um formato simples de apenas uma página, onde controlamos o sexo do indivíduo, a faixa etária, o nível de escolaridade e o local de residência. Os responsáveis pela abordagem direta buscavam ainda detectar alguma reação especial por parte dos indivíduos. As abordagens foram perpetradas em diferentes pontos da cidade do Rio de Janeiro, entre os quais destacam-se os seguintes: Central do Brasil, Rodoviária Novo Rio, Cinelândia, Campo Grande, Copacabana e Catete.

2º - Em relação a vertente B preocupamo-nos em coletar uma amostra razoável de definições para a palavra museu, encontradas em dicionários de língua portuguesa, principalmente os editados no Brasil e publicados nos séculos XIX e XX. É evidente que a coleta de definições não esgota as possibilidades de pesquisa e muito menos cobre o conjun

to de dicionários publicados no período de tempo acima referido. De qualquer forma, compreendemos que as definições encontradas representam este conjunto, mesmo porque, como facilmente pode ser verificado, há entre os dicionários uma certa tendência à repetição.

III

Os 341 indivíduos contactados foram agrupados em 5 (cinco) diferentes faixas etárias. Considerando que estes indivíduos foram abordados em pontos de intensa atividade e movimentação de uma população denominada adulta, relacionada com seus afazeres cotidianos, compreende-se o fato de termos encontrado uma grande concentração de indivíduos nas faixas etárias intermediárias. Para uma melhor análise das associações desenvolvidas pelas faixas etárias posicionadas nas extremidades, seria necessário um estudo aprofundado que levasse em consideração a população escolar, bem como a denominada terceira idade.

O quadro abaixo apresentado resume as principais características dos indivíduos contactados:

QUADRO I

FAIXA ETÁRIA	SEXO		TOTAL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE			LOCAL DE RESIDÊNCIA	
	M	F		1º Grau	2º Grau	Superior	Z. SUL	Z. NORTE e outros Municípios
ATÉ 16 anos	13	9	22	17	5	-	11	11
17 à 25 anos	41	72	113	14	29	70	35	78
26 à 35 anos	43	67	110	16	30	64	25	85
36 à 45 anos	19	39	58	12	13	33	17	41
acima de 46 anos	18	20	38	10	16	12	17	21
TOTAL	134	207	341	69	93	179	105	236

As respostas apresentadas à palavra-estímulo: MUSEU foram agrupadas em 7 (sete) grandes categorias:

- 1 - PASSADO
- 2 - CURIOSIDADES/RARIDADES/RIQUEZAS
- 3 - ARTE/IMAGEM/BELEZA
- 4 - OBJETO DE MUSEU
- 5 - CULTURA/EDUCAÇÃO
- 6 - COISA BOA
- 7 - OUTRAS CATEGORIAS

Em virtude da enorme abrangência da Categoria 1: PASSADO, dividimo-la em 6 (seis) sub-categorias:

- 1.1. VELHO/VELHARIA/VELHICE/COISA VELHA
- 1.2. ANTIGO/ANTIGUIDADE/ANTIQUÁRIO/COISA ANTIGA
- 1.3. PASSADO/MEMÓRIA
- 1.4. HISTÓRIA/COISA HISTÓRICA
- 1.5. ELEMENTOS CORRELATOS
- 1.6. SENTIMENTOS/EMOÇÕES

As três primeiras sub-categorias não apresentam dificuldades de compreensão; contudo, as três últimas necessitam de algum esclarecimento.

A sub-categoria 1.4. HISTÓRIA/COISA HISTÓRICA foi incorporada à Categoria PASSADO em virtude de que os indivíduos que apresentaram este tipo de resposta, como pode ser depreendido pelos responsáveis pela enquete, não faziam referência à História como ciência, e sim a história como "coisa histórica", "coisa do passado", como um tempo já vivido e distante do tempo atual.

A sub-categoria 1.5. ELEMENTOS CORRELATOS reúne uma série de respostas relacionadas com lugares onde o passado é mantido, em alguns casos um passado remoto e em outros um passado vinculado à morte. É bastante elucidativo o fato de que um dos indivíduos não se contentando em dar apenas uma palavra como resposta, disparou uma série de associações: "MÚMIA, ESQUELETO, SARCÓFAGO, POEIRA". Dentro desta sub-categoria tem um destaque especial a ocorrência de respostas como: MÚMIA, DINOSSAURO e RELÍQUIA. Um observador apressado poderia ser tentado a incluir alguns elementos desta sub-categoria na categoria OBJETO DE MUSEU. Compreendemos, no entanto, que estes elementos em virtude da forte carga de passado com que se apresentam, extrapolam a simples noção de OBJETO DE MUSEU, e passam a ser o indicativo de uma fração de tempo.

A sub-categoria 1.6. SENTIMENTOS/EMOÇÕES, ainda que numericamente reduzida, expressa conteúdos psíquicos, relacionados com o passado, que são de grande importância para a compreensão das outras sub-categorias.

Apresentamos a seguir os quadros que relacionam as 7 categorias com o quantitativo de indivíduos:

QUADRO II

1 - PASSADO

	até 16	17 a 25	26 a 35	36 a 45	mais de 46
1.1. Velho, Velharia, Velhice, Coisa Velha	2	23	23	5	9
Total= 62					
1.2. Antigo, Antiguidade, Antiquário, Coisa Antiga.	7	33	21	14	5
Total= 80					
1.3. Passado, Memória	1	1	5	4	4
Total= 15					
1.4. História, Coisa Histórica	-	8	13	5	5
Total= 31					
1.5. Elementos Correlatos (múmia, fóssil, dinossauro, baú, relíquia, idade da pedra, cemitério, ossos, igreja)	2	9	13	5	4
Total= 33					
1.6. Sentimentos-Emoções (recordações, nostalgia, tristeza, angústia, lembrança)	-	2	3	1	-
Total= 6					
TOTAL GERAL= 227	12	76	78	34	27
TOTAL GERAL= 66,5%	54,5%	67,2%	70,9%	58,6%	71,0%

QUADRO III

2 - CURIOSIDADES - RARIDADES - RIQUEZAS.

	até 16	17 a 25	26 a 35	36 a 45	mais de 46
Curiosidades, trechos, coleção, coisas raras, coisas, obras raras, riquezas, coisas valio sas, obras valiosas	-	4	5	2	-
TOTAL GERAL= 11 = 3,2%	-	3,5%	4,5%	3,4%	-

QUADRO IV

3 - ARTE - IMAGEM - BELEZA.

	até 16	17 a 25	26 a 35	36 a 45	mais de 46
Arte, Imagem, Beleza, Escultura, Quadro, Música, Exposição, Vitrine	2	22	12	12	8
TOTAL GERAL= 56 = 16,4%	9,0%	19,4%	10,9%	20,6%	21,0%

QUADRO V

4 - OBJETO DE MUSEU

	até 16	17 a 25	26 a 35	36 a 45	mais de 46
Cocar, Coroa, Avião, Monte de bichos, Morcego.	2	1	1	1	1
TOTAL GERAL= 6 = 1,8%	9,0%	0,8%	0,9%	1,7%	2,6%

QUADRO VI

5 - CULTURA - EDUCAÇÃO

	até 16	17 a 25	26 a 35	36 a 45	mais de 46
Cultura, Antropologia, Estudo, Livro, Homem, Educação, Museologia, Documento.	2	6	8	7	3
TOTAL GERAL= 26 = 7,6%	9,0%	5,3%	7,2%	12,0%	7,9%

QUADRO VII

6 - COISA BOA (IMAGEM POSITIVA)

	até 16	17 a 25	26 a 35	36 a 45	mais de 46
Coisa Boa, Importante, Interessante, Diversão	3	-	1	-	-
TOTAL GERAL= 4 = 1,2%	13,6%	-	0,9%	-	-

QUADRO VIII

7 - OUTRAS CATEGORIAS

	até 16	17 a 25	26 a 35	36 a 45	mais de 46
Sam ^{ey} , Trabalho, Empre ^{go} , Droga, Hierarquia, Onda, Nada, Lugar Silen ^{cioso} , Distância, Quinta da Boa Vista	1	3	5	2	-
TOTAL GERAL= 11 = 3,2%	4,5%	2,6%	4,5%	3,4%	-

Como pode ser observado, através dos quadros até agora apresentados, a categoria denominada PASSADO é a que apresenta uma maior concentração de indivíduos (227 - equivalendo a 66,5% do total). Esses indivíduos independentemente de sexo, faixa etária, nível de escolaridade e local de residência, associam, em sua maioria, o MUSEU as idéias tais como: VELHO, ANTIGO, PASSADO, HISTÓRIA, MÚMIA, DINOSSAURO, RELÍQUIA, etc. Com esta afirmação não pretendemos ocultar as diferenças que existem, por exemplo, entre os moradores da zona sul e da zona norte (incluindo outros municípios), mas apenas chamar a atenção para o fato de que em ambos os casos a maioria dos indivíduos apresentou o mesmo tipo de associação, principalmente no que se refere a categoria PASSADO.

É importante registrar as respostas dramáticas de duas senhoras à palavra-estímulo: MUSEU, ao serem abordadas por nossos pesquisadores de campo; a primeira afirmou categoricamente: "VELHO", e em seguida completou: "EU"; a segunda titubeando um pouco disse: "VELHO", e acrescentou: "ASILO DE VELHOS". Ambas as respostas colocam-nos frente a frente com uma tendência desenvolvida nas sociedades capitalistas e de consumo, qual seja a da reificação ou coisificação do indivíduo.

A sub-categoria 1.1. VELHO/VELHARIA/VELHICE/COISA VELHA com parada isoladamente com as outras categorias, apresenta, ainda assim, um percentual maior de respostas; o mesmo acontece com a sub-categoria 1.2. ANTIGO/ANTIGUIDADE/ANTIQUÁRIO/COISA ANTIGA.

As respostas agrupadas na categoria 2 (3,2% do total) associam o MUSEU a CURIOSIDADES, COISAS RARAS e VALIOSAS.

A categoria 3 (16,4% do total) vincula o museu à idéia de ARTE e similares. Cumpre destacar, no entanto, que a ARTE aqui está intimamente ligada a idéia de "QUADROS" e "ESCULTURA", e muito próxima do conceito de Belas-Artes; em alguns casos a palavra ARTE aparece ligada à palavra HISTÓRIA.

A categoria 4 (1,8% do total) indica a associação do todo (MUSEU) com a parte (OBJETO DE MUSEU).

A categoria 5 (7,6% do total) vincula o MUSEU à idéia de CULTURA, ESTUDO, EDUCAÇÃO, LIVRO, MUSEOLOGIA, DOCUMENTO, ANTROPOLOGIA, etc. As palavras HOMEM, EDUCAÇÃO, LIVRO, MUSEOLOGIA, DOCUMENTO e ANTROPOLOGIA apareceram uma única vez; a palavra ESTUDO foi apresentada três vezes e CULTURA dezessete vezes.

A categoria 6 (1,2% do total) é surpreendente. Apenas quatro pessoas responderam claramente com uma associação de natureza positiva (COISA BOA, IMPORTANTE, INTERESSANTE e DIVERSÃO) e dessas quatro pessoas, três situam-se na primeira faixa etária. Tendo em vista que a amostragem, neste sentido, pode não ter sido expressiva, seria interessante, em outra oportunidade, uma enquête dirigida para esta faixa etária.

O nordestino, morador de um subúrbio do Rio de Janeiro, respondeu à palavra-estímulo: MUSEU, afirmando secamente e em tom de revolta: SARNEY. Esta e outras palavras, tais como: TRABALHO, EMPREGO, DROGA, ONDA, HIERARQUIA, CERA, NADA, LUGAR SILENCIOSO, DISTÂNCIA e QUINTA DA BOA VISTA, foram agrupadas no item 7 (3,2% do total) sob a denominação de OUTRAS CATEGORIAS. A palavra SARNEY, neste contexto, causa perplexidade e provoca a reflexão, da mesma forma que as palavras: TRABALHO, EMPREGO, DROGA, ONDA e NADA.

IV

Para alguns pesquisadores e estudiosos da Teoria Museológica os dados aqui apresentados não trazem novidades, para outros esta realidade é apenas intuída. O importante a ser considerado, aqui e agora - no momento em que realizamos o X Congresso Nacional de Museus, e que, à semelhança do simbolismo da serpente que morde a própria cauda, voltamos (31 anos depois) ao local em que foi realizado o I Congresso Nacional de Museus, é que hoje em dia virou "modismo museológico" a afirmação de que museu não é uma instituição estática ou morta, de que o museu depósito, o museu quinquilharia está superado. No entanto, as respostas que encontramos indicam de forma clara que o público potencial do museu continua associando-o aos elementos do passado, à palavras como: MÓMIA (que aparece 17 vezes), DINOSSAURO, VELHARIA, COISA VELHA, COISA ANTIGA, etc. No mínimo está havendo algum ruído de comunicação entre o museu e o seu público, ou então o discurso da moda, o discurso do ativismo e do dinamismo é impostor.

O fato é que as respostas à palavra-estímulo: MUSEU estão respaldadas através das definições encontradas em dicionários dos séculos XIX e XX. Vejamos agora algumas dessas definições:

Em 1813, no Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Moraes Silva, encontramos a seguinte definição: MUSEU: "Templo das Musas; lugar ou edifício em que se estudam artes cênicas; onde estão guardados os preciosos produtos da natureza, e da arte, livros, medalhas".

Em 1859, o Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Eduardo Faria afirma: MUSEU: "Lat. Museum, livraria, lugar onde se ajuntam os estudiosos (rad. Musa). Templo das Musas. Fig. Estudo da Poesia e das Boas Artes. História Natural, pintura, escultura. E peça de __, curiosa, rara".

Em 1873, o Tesouro da Língua Portuguesa do Dr. Fr. Domingos Vieira define MUSEU como: "Antigo Templo das Musas. Por extensão: Edifício em que nos entregamos à Arte, à Poesia, à Erudição, etc. Particularmente: o grande estabelecimento estudado por Ptolomeu na Alexandria para cultura das letras e das ciências. Modernamente: Lugar destinado ao estudo e ao ajuntamento dos monumentos das Belas Artes, das Ci

ências, e dos objetos antigos, etc. O Museu de Coimbra".

Estas três definições fazem referência ao MUSEU como local de estudo, onde se reúnem "coisa várias", "preciosos produtos da natureza e da arte", "miscelânea" e "objetos antigos". A referência ao local de estudo não pode ser dissociada do fato de que esses estudos não eram desenvolvidos pelo público em geral, mas por uma elite intelectual e dominante. Nestas definições, como em várias outras, não encontramos referências ao museu como instituição pública e muito menos às finalidades de conservação, educação e exposição do acervo. Os museus, por estas definições, são elementos estáticos, bastam-se a si mesmos, estão prontos, acabados, são inquestionáveis, contentam-se em armazenar, reunir, acumular produtos preciosos, coisas várias, objetos antigos.

Este entendimento restrito acerca do museu não significa que no século XIX não tenham sido desenvolvidos trabalhos de natureza educativa e cultural, e sim que estes trabalhos não foram suficientes para transformar em profundidade a natureza dos museus, que continuavam sendo vistos como local palaciano, destinado às elites, onde se acumulavam objetos variados dentro de uma tônica "enciclopédica".

As definições encontradas no século XIX não apresentam grandes diferenças em relação aquelas encontradas no século XX.

O Dicionário Prático Ilustrado, 1928, apresenta a seguinte definição: "Museu - Na antiguidade Templo das Musas. Lugar ou edifício em que se estudam artes, ciências, etc. Grande coleção de objetos de arte e ciências. Por ext. Casa que contém muitas obras de artes. Esta residência é um verdadeiro museu".

O Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa de Laudeline Freire, 1940, segue nesta mesma linha.

Em 1941, o Dicionário Completo de Augusto Moreno afirma que o museu é o "lugar destinado não só ao estudo, mas também à reunião e exposição dos monumentos de Belas Artes e Ciências, dos objetos antigos, etc. "A novidade aqui é o melhor detalhamento das finalidades da instituição, incluindo a exposição.

A referência aos objetos antigos acompanha praticamente todas estas definições, e não leva em consideração a modernidade, a contemporaneidade e os seus testemunhos.

Em 1958, o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa de F.I. Caldas, mantém basicamente a mesma definição, e acrescenta, ainda que timidamente, a idéia de que o museu guarda também os objetos "modernos".

As definições coletadas nas décadas de 50, 60, 70 e 80 não fogem à regra e estão muito próximas das encontradas no século XIX.

QUADRO IX

CATEGORIA	%	Nível de Escolaridade			Local de Residência	
		1º grau	2º grau	superior	zona sul	zona norte
1 - PASSADO	66,5%	62,3%	68,8%	65,9%	54,2%	72,0%
2 - CURIOSIDADES; RARI- DADES, RIQUEZAS	3,2%	4,3%	2,1%	3,3%	2,8%	3,4%
3 - ARTE, IMAGEM, BELEZA	16,4%	13,0%	15,0%	18,4%	20,9%	14,4%
4 - OBJETO DE MUSEU	1,8%	3,2%	2,1%	0,5%	0,9%	2,5%
5 - CULTURA, EDUCAÇÃO	7,6%	2,8%	8,6%	8,9%	12,4%	5,5%
6 - COISA BOA	1,2%	4,3%	-	0,5%	-	1,7%
7 - OUTRAS CATEGORIAS	3,2%	7,2%	1,1%	2,8%	3,8%	2,9%

Durante todo este período alguns museus brasileiros realizaram importantes trabalhos de investigação científica e de ação educativa e cultural, mas, ao que tudo indica, o não desenvolvimento de trabalhos semelhantes por parte de outros museus garante o vigor das referidas definições.

O sentido de novidade aparece em 1986 com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa - Nova Edição Revista e Ampliada - Editora Nova Fronteira - 2ª edição, onde Aurélio Buarque de Holanda Filho, define museu como: "1. Qualquer estabelecimento permanente criado para conservar, estudar, valorizar pelos mais diversos modos, e sobretudo expor para deleite e educação do público, coleções de interesse artístico, histórico e técnico. 2. Fig. Reunião de coisas várias, miscelânea".

Com esta definição aproximamo-nos, finalmente, da estabelecida pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM). No entanto, como é do conhecimento dos que se dedicam ao estudo da museologia, mesmo esta definição não é satisfatória, em virtude dos avanços conceituais que estão sendo realizados.

V

Contudo, estes avanços não conseguiram ainda uma completa concretização, não conseguiram sensibilizar a maioria dos museus brasileiros e com isso não atingem a maioria da população, que, em alguns casos, como a prática tem demonstrado, reconhece a tendência regressiva da instituição museu e aponta, intuitivamente ou não, no sentido exato de transformações mais profundas.

A realidade é que os museus brasileiros continuam, em sua grande maioria, com um comportamento característico do século XIX. E este comportamento, que muitas vezes se tenta mascarar, é percebido pelo público potencial do museu, que, independentemente de faixa etária, nível de escolaridade, sexo e local de residência, continua associando o museu atual a coisas do passado, a velharia, coisa velha, coisa antiga, etc.

Ora, esta associação, que confirma nossa hipótese de trabalho, não é sem sentido, não é fruto de preconceitos, como se poderia imaginar.

Os indivíduos que fazem este tipo de associação, em tudo corroborada pelos dicionários, apresentam uma visão muito próxima do real, e aí é preciso dar a mão à palmatória. Estas associações surgem a partir do imediatamente vivido, por mais que se tente impedi-las.

A análise destas associações deixa à mostra a ponta de um Iceberg que, no momento, denominamos de a Ideologia do Antigo e do Ve

lho no Museu. Esta ideologia, que traduz os interesses de uma elite dominante, valoriza o velho, o antigo e o passado não com um sentido de provocar a reflexão crítica e dinâmica sobre o presente, não como base para a compreensão e transformação da sociedade, mas como elemento decorativo, morto (sarcófago, esqueleto, múmia, fóssil, ossos, etc.), improdutivo e incapaz. Para estes elementos o museu (cemitério, antiquário, depósito, lugar silencioso) apresenta-se como a solução regressiva possível. A senhora que associou à palavra-estímulo MUSEU: a idéia de "VELHO" e em seguida arrematou dizendo: "EU", mostra a natureza profunda da questão. O objeto museológico (antigo, velho, precioso, raro e curioso), de acordo com esta ideologia, deve ser preservado como forma de confirmar a dominação. A dominação sobre o tempo (supostamente dominável), sobre o espaço, sobre a forma, sobre a riqueza, sobre os segmentos sociais não-dominantes, aos quais é dado o direito de aplaudir.

Compreendemos que a transformação necessária do museu não poderá ser perpetrada através do mascaramento, através do ilusionismo e do magismo. Antes de mais nada, é preciso encarar, com tranquilidade e coragem, a dura realidade dos fatos. A maioria dos museus brasileiros são tradicionais, elitistas, não-participativos e apresentam um discurso museológico e museográfico estático, autoritário e comprometido com a dominação. A partir daí poderemos dar o primeiro passo para um trabalho de transformação, que envolva, primeiramente, o próprio trabalhador do museu. O caráter dinossaúrico dessas instituições - já apontado por Hugues de Varine-Bohan - é o grande obstáculo para a transformação.

Hoje em dia convivem, com grande intensidade dramática, pelo menos duas correntes museológicas, transformando o museu num verdadeiro desafio: uma de cristalização do passado, de valorização do objeto em relação ao homem/sujeito e outra de transformação radical, de valorização do homem/sujeito em relação ao objeto.

Nosso entendimento é o de que não se pode preservar e conservar o passado pelo passado. O trabalho do museu, em todos os seus segmentos, há que ser profundamente reflexivo e crítico, e estar permanentemente atento para a ideologia do antigo e do velho.

Nosso objetivo aqui e agora não é apresentar respostas prontas e acabadas, é antes trazer para este palco os questionamentos desenvolvidos no convívio dialético educador/educando, é por este motivo que finalizamos interrogando: Quando poderemos parodiar o poeta Neruda e afirmar, sem dúvidas e dívidas?

"Museo, no eres
tumba, sepulcro, féretro,
túmulo, mausoléo,
sino preservación,
fuego escondido,
plantación de rubies,
perpetuidad viviente
de la esencia
granero de la cultura".

BIBLIOGRAFIA

SERVIÇO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO NACIONAL

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Rodrigo e o SPIAN. Rio de Janeiro, MINC/SPIAN/FNPM, 1987. 186p. **IBPC**

CALABRESE, Omar. Semiótica y Museo. In: Museología y Patrimonio Cultural: Críticas y Perspectivas. Bogotá, Instituto Colombiano de Cultura/PNUD/UNESCO, 1979/1980. p. 63-65.

→ CAMARGO, Fernanda de. Guia dos Museus do Brasil: Roteiro dos bens Culturais brasileiros levantados em pesquisa nacional. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura, 1972. 317p.

FARIA, Ana Lúcia G. de. Ideologia no Livro Didático. 5ª ed. São Paulo, Cortez Editora/Editora Autores Associados, 1986. 93p. (col. Polêmicas do Nosso Tempo, 7).

→ FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. 16ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1985. 150p.

→ FREYRE, Gilberto. Ciência do Homem e Museologia: sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife, IJNPS, 1979. 54p. (série documentos, 14).

→ GOMBRICH, E. H. Debe un museo ser activo? In: Museum: Selección de Artículos. Bogotá, Instituto Colombiano de Cultura/PNUD/UNESCO, s.d. p.13-18. (xerografado).

→ INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Subsídios para a implantação de uma Política Museológica Brasileira. Recife, IJNPS, 1976. 58p. (série documentos, 5).

LACOUTURE, Felipe. Museología: problemas y perspectivas em América Latina. In: Museología y Patrimonio Cultural: Críticas y Perspectivas. Bogotá, Instituto Colombiano de Cultura/PNUD/UNESCO, 1979/1980. p.49-54.

LUMBRERAS, Luis. Museo, cultura e ideologia. In: Museología y Patrimonio Cultural: Críticas y Perspectivas. Bogotá, Instituto Colombiano de Cultura/PNUD/UNESCO, 1979/1980. p. 19-23.

→ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. Apontamentos sobre Museologia: Museus Etnológicos. Lisboa, Junta de Investigações de Ultramar, 1971. 113p. (estudos de antropologia cultural, 6).

→ ROJAS, Roberto e outros. Os Museus do Mundo. Rio de Janeiro, Salvat Editora do Brasil, 1979. 142p. (biblioteca Salvat de Grandes Temas, 26).

→ RUSSIO, Waldisa. Cultura, patrimônio e preservação. (Texto III). In: Avances, Antônio Augusto (org.). Produzindo o Passado: Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural. São Paulo, Editora Brasileira, 1984. p.59-78.

continuar

SANTOS, Maria Célia I. M. O Museu e o Público. Universitas. Salvador, (33): 85-94, jul.set. 1985.

→ SUANO, Marlene. O que é Museu. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986. 101p. (col. Primeiros Passos, 182).

→ VARINE, Hugues de. O tempo social. Rio de Janeiro, Livraria Eça Edit_ ra, 1987. 207p.

_____. El museo moderno: condiciones y problemas de una reno-
vación. In: Museum: Selección de Artículos. Bogotá, Instituto Colom-
biano de Cultura/PNUD/UNESCO, s.d. p.7-12. (xerografado).